

O ESTAFETA

ÓRGÃO DA FUNDAÇÃO CHRISTIANO ROSA

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA

PIQUETE, DEZEMBRO/2006 - ANO X - Nº 119

Foto Arquivo Pró-Memória

EDITORIAL

Ao ensejo de mais um final de ano, período de confraternização em que os piquetenses se reúnem para as Festas de Natal, é propício deixarmos, por breve momento, o clima de euforia e fazermos uma reflexão sobre a Piquete que desejamos para os próximos anos.

Há muito sonhamos com uma cidade próspera e desenvolvida que proporcione qualidade de vida a todos. Para que isso ocorra, uma ampla força de trabalho deverá ser constituída. À administração municipal compete priorizar, de maneira planejada, a médio e longo prazos, temas como saneamento, abastecimento de água, recuperação de encostas e matas ciliares. Para tanto é preciso conhecimento de nossa realidade, vontade política e engajamento de toda a sociedade, a fim de que ações eficazes sejam tomadas, possibilitando a transformação do município.

Piquete encontra-se parado no tempo. Ações inexpressivas comemoradas como grandes feitos não foram e não são suficientes para transformar a cidade. Enquanto os municípios que adotaram o modelo sustentável de desenvolvimento, preocupando-se com a preservação ambiental, vêm alcançando crescimento e modernização significativos, os que mantiveram o antiquado modelo administrativo estão estagnados.

Piquete requer mudanças profundas que lhe garantam um futuro de desenvolvimento equilibrado, de maneira sustentável, num ambiente saudável para todos moradores. Para que isso ocorra, a cidade precisa de um plano voltado para o crescimento urbano, respeitando o meio ambiente, de maneira que possa se expandir adequadamente, gerar empregos e produzir renda.

Quando se pensa em políticas urbanas, o assunto não se esgota na esfera municipal; devem ser buscadas parcerias com os governos estadual e federal. Com planejamento participativo e projetos bem elaborados, focados no desenvolvimento sustentável, recursos chegarão ao município.

Planejar o futuro é compromisso a ser encarado no próximo ano. O momento é de repensar a cidade. Que 2007 seja de muito trabalho e de ações afirmativas voltadas para o desenvolvimento de Piquete.



A geografia de Piquete, que tem sua parte urbana localizada num estreito vale, propicia o desmoronamento de encostas, com conseqüente assoreamento dos rios e enchentes. Revegetar é preciso.

Congresso aprova Lei da Mata Atlântica

As chuvas torrenciais que todos os anos castigam Piquete, no verão, assustam seus moradores e colocam em alerta a defesa civil. Os prejuízos não são poucos.

Os estragos causados por esses temporais poderiam ser minimizados se a Mata Atlântica nativa, que deveria cobrir as cabeceiras e margens dos rios, e as encostas dos morros tivesse sido preservada.

Piquete, a exemplo de outras cidades, cresceu sem planejamento, ocupando áreas de preservação. Dessa forma, toda vez que chove na serra, a população ribeirinha fica sobressaltada. Se no passado o desconhecimento levou à retirada da cobertura vegetal de extensas áreas do município, hoje a problemática decorrente desse erro precisa ser equacionada e minimizada.

Fenômenos climáticos causados pelo aquecimento global têm provocado chuvas torrenciais em todo o mundo.

Devido à perda de sua cobertura vegetal primitiva, a geografia de Piquete, que tem sua parte urbana localizada num estreito vale, propicia o desmoronamento de encostas, com conseqüente assoreamento dos rios e enchentes.

A única maneira de mitigar os danos causados pelas fortes chuvas e proteger a população é revegetar a maior área possível junto às margens dos rios e encostas. Também se faz necessária uma eficaz ação fiscalizatória que impeça construções em áreas de preservação.

Ao longo do tempo, a Mata Atlântica que cobria todo o município foi drasticamente reduzida, restando poucos remanescentes isolados em área de maior declividade na Mantiqueira.

Uma notícia auspiciosa para a proteção desses remanescentes e ampliação de área descoberta foi dada no último dia 29 de novembro pelo Congresso Nacional. Aprovou-se o Projeto de Lei nº 3285/92 – conhecido como Lei da Mata Atlântica – que inova ao privilegiar não a punição pela destruição (embora esta seja nele agravada), mas o incentivo para a preservação. Essa lei assegura, também, a proteção dos remanescentes. Entre os avanços que a Lei da Mata Atlântica traz, estão a criação de um fundo de restauração, a redução de impostos, a facilidade de acesso a linhas de crédito para proprietários de terras com áreas preservadas e, principalmente, a proteção e a conservação do bioma.

Com atenta fiscalização por parte dos órgãos responsáveis e também da população, quanto ao cumprimento dessa Lei, além de incentivos e ações voltadas à recomposição desse importante bioma, poderemos, no futuro, reverter o cenário de devastação. Recuperar nossas encostas e nascentes deve ser um objetivo a ser perseguido nos próximos anos. A Mata Atlântica é fundamental para a preservação de nossos rios.

Piquete precisa crescer e se desenvolver. Essa é a meta almejada por todos. Só que com sustentabilidade. A natureza agradece.

Imagem - Memória

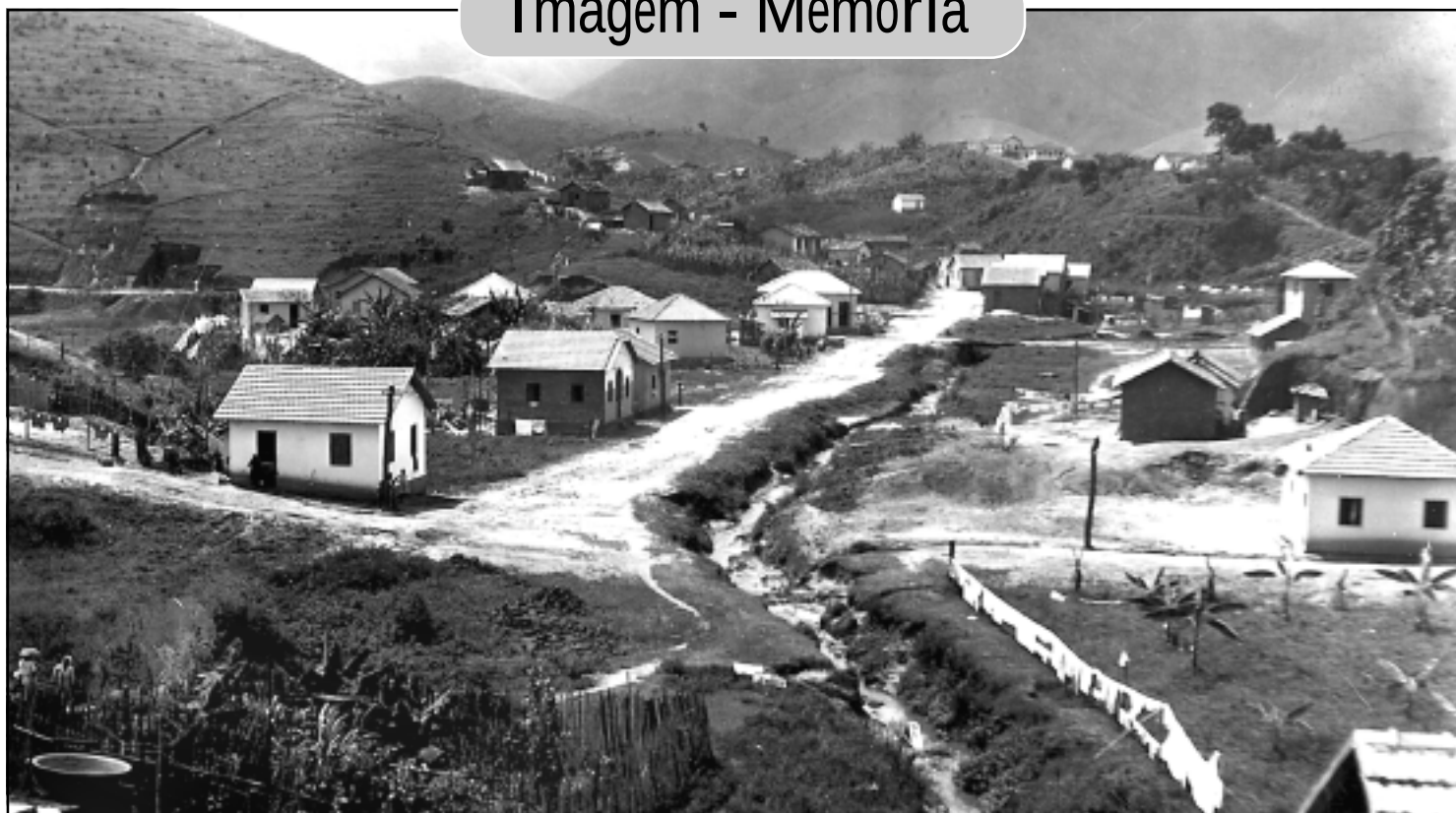


Foto arquivo Pro-Memória

Vista parcial da Vila Célia na década de 50. Formada por iniciativa de Christiano Alves da Rosa, a Vila Célia é cortada pelo Córrego do Araçá, que corre paralelo à Rua Dr. Gama Rodrigues.

A origem da Vila Célia

A origem da Vila Célia nos remete à segunda metade da década de 40, quando Christiano Alves da Rosa, em sociedade com seu amigo Luiz Arantes Júnior, o “Seu Zizinho”, adquiriu uma porção de terras que se estendia dos terrenos de Maria da Silva, que se limitavam com a FPV, até os morros atrás da igreja de São José.

Pouco tempo depois, desfeita a parceria, loteou e construiu casas que vendia à prestação. A esse loteamento chamou de Vila Célia, nome de sua primeira filha, Célia Aparecida da Rosa.

Antes do surgimento dessa vila, a região era conhecida devido a um afamado rancho de tropeiros instalado à margem direita do Córrego do Araçá, próximo à subida do “Morro do Querosene”, hoje Alto da Bela Vista. Na subida desse morro vivia, numa ampla casa, Maria da Silva, que alugava seus pastos para tropeiros vindos de Minas em busca dos mercados valeparaibanos, onde negociavam seus produtos. De sua casa Maria da Silva fiscalizava o rancho – construção tosca, mas reforçada com paredes de pau-a-pique, coberta de sapé e cercada por ampla varanda onde os tropeiros dispunham suas tralhas. Esse rancho abrigava também mascates, comerciantes eromeiros que se dirigiam ao Santuário Mariano de Aparecida. Até o início dos anos 40, era grande o número de tropas e boiadas que utilizavam as pastos.

Com a abertura da rodovia Lorena – Piquete – Itajubá e o aumento do transporte rodoviário, o número de tropas diminuiu. As terras de Maria da Silva, sem movimento, tornaram-se campos sem utilidade coletiva. Foi então que Christiano Rosa, espírito empreendedor, adquiriu, à prestação, essas terras e as transformou em uma Vila. Trabalhou arduamente para

isso. Muitas vezes descalço, na chuva ou ao sol, de manhã à noite. Media, traçava, calculava, ... Tudo sem alarde, sem propaganda falada ou escrita...

Foram vendidos os primeiros lotes, ao longo do Córrego do Araçá. Nascia, então, a Vila Célia.

Quando se estudar a história da evolução urbanística de Piquete ao longo do tempo, no que concerne à iniciativa particular, o nome e a obra de Christiano Rosa não podem deixar de constituir um capítulo destacado, sem que se incorra em inominável injustiça para com esse grande realizador que, aliado à técnica construtora, era detentor de grande generosidade. Christiano doou ao município terrenos para a abertura das ruas Dr. Gama Rodrigues, 1º de Maio e 7 de Setembro. Procurado por operários da Fábrica que queriam adquirir lotes na nova vila e lá construir a sonhada casa própria, combinava preços conforme as posses do interessado e financiava o pagamento “a perder de vista”. Muitos, sem condições de iniciar a obra, traziam um esboço da casinha de seus sonhos e Christiano a construía... Assim, uma casinha aqui, outra ali, a Vila Célia foi crescendo. Nela foram se fixando as famílias de José Moreira, Bento de Lima, Dario Rosa, Vicente Machado, Pedro Leôncio, Antônio Orestes Sene, José Jacinto, Horácio Cândido, Jaime Mendes, Seu Nogueira, Paulo Coubasier, José Gonçalves, Geraldo Piva, Isaac Dias dos Reis, Lázaro Gomes, Vicente Reis, José Aguiar, Francisco A. Cruz, Benedito Batista, Francisco J. Dias, Oscar Sueiro e tantos outros. Chegavam, constituíam família e estreitavam laços de compadrio... A Vila Célia tornou-se uma grande família. Todos se conheciam. As crianças cresciam e estudavam juntas, brincavam nas ruas poeirentas ou se refrescavam nas límpidas

águas do Araçá, que, até os anos 60, era piscoso, rico em camarões, lambaris, carás e bagres. Religiosos, os moradores não se descuidavam de seus ofícios na igreja de São José. Havia na vila uma capelinha no sopé do Morro do Querosene dedicada a Nossa Senhora das Graças. Fora construída no lugar de uma antiga Santa Cruz, local onde teria morrido um tropeiro. Nessa capelinha, as crianças recebiam o catecismo ministrado por Lázaro Gonçalves e Geraldo Piva.

Personagens por todos conhecidos da vila eram: Conceiçãozinha do Jongo, Antônio Faustino, dono de um bar ainda existente em frente à ponte sobre o Araçá, e Dona Josefa Gabriela, a “Nhá Zefa”, irmã de dona Miquelina, que, junto com José Gonçalves, tocava acordeão em animadas festas juninas promovidas pelos moradores.

A Vila Célia veio, ao longo dos anos, crescendo, recebendo melhorias, ocupando encostas... Nascia, então, o bairro da Bela Vista. Mas esta é uma outra história...

O ESTAFETA

Fundado em fevereiro / 1997

Diretor Geral:

Antônio Carlos Monteiro Chaves

Jornalista Responsável:

Rosi Masiero - Mtd-20.925-86

Revisor:

Francisco Máximo Ferreira Netto

Redação:

Rua Coronel Pederneiras, 204

Tels.: (12) 3156-1192 / 3156-1207

Correspondência:

Caixa Postal nº 10 - Piquete SP

Editoração: Marcos R. Rodrigues Ramos
Laurentino Gonçalves Dias Jr.

Tiragem: 1000 exemplares

A Redação não se responsabiliza pelos artigos assinados.

GENTE DA CIDADE**Marlene Machado**

Durante a infância, seu grande sonho era ser advogada. No entanto, injunções surgidas ao longo do tempo direcionaram-na para o Magistério, profissão que abraçou e à qual se dedicou por trinta e cinco anos. Sempre trabalhou em defesa dos menos favorecidos. É detentora de elevado senso de cidadania.

Marlene Maria Machado Alves da Silva nasceu em Piquete, pelas mãos de dona Finoca, conhecida parteira, a 28 de abril de 1945. É a mais velha das três filhas do casal Geraldo Serafim Machado e Maria do Carmo Guedes Machado. Suas melhores lembranças da infância são as passadas no Grupo Escolar Antônio João. Recorda-se dos diretores Carlos Ramos e Osmar Simas, das professoras Conceição Godoy, Fernanda Faury, Eunice Fernandes e Ana de Lourdes, e da disciplina e organização exemplares dessa escola. Pertenceu ao seu orfeão: recorda-se de uma apresentação que o Grupo Escolar fez em Guaratinguetá, ocasião em que foram ovacionados após cantarem “Aquarela do Brasil”. Cita, também, os concursos de redação, os de declamação e os desfiles cívicos cuidadosamente preparados, dos quais participavam alunos e professores.

Curso, em seguida, o Ginásio da FPV. Desse período cita dois professores que a marcaram de maneira indelével: João e Vonir Gomes. Após a conclusão do curso Normal, trabalhou, por quinze anos, no Serviço de Educação Supletiva (SES), que funcionava no Grupo Antônio João. Mais tarde, foi professora do Projeto Minerva: suplência ministrada em um ano e meio via programa radiofônico; ao término da “Hora do Brasil” os alunos ouviam as aulas, que, em seguida, eram explicadas pelos professores. Lecionou, também, por três anos, em Itaquaquecetuba, Cunha e Guaratinguetá. Retornou a Piquete, para a Escola Ricarda Godoy, na qual lecionou por dez anos e onde se aposentou.



Marlene passou, então, a fazer parte da APAP, Associação dos Professores Aposentados de Piquete, e da Liga Feminina de Combate ao Câncer. Atua assiduamente junto à Igreja Católica: foi orientadora de diversos cursos para noivos e casais, faz parte da Confraria de São Miguel e há treze anos atua na Pastoral da Criança, desenvolvendo um trabalho no Alto da Bela Vista, onde é responsável, como coordenadora, por 34 famílias. Lá, atende 47 crianças entre 0 e 6 anos, preocupando-se, principalmente, com seu controle nutricional. A problemática da criança e do adolescente levou-a a participar, por três anos, do Conselho Tutelar de Piquete, tendo sido sua presidente por um mandato.

Envolvida com as questões ambientais do município, especialmente com a situação do Córrego do Araçá, que passa nos fundos de sua residência, na Vila Célio, participa ativamente de um grupo que luta pela recuperação desse curso d'água.

Sua seriedade e comprometimento com as atividades de que participa podem ser constatados pelo grande número de pessoas que a procuram em busca de orientação.

Marlene é casada com João Alves da Silva (Canhoto), união que lhes rendeu um casal de filhos e outro de netos. Além da dedicação à família, está sempre pronta para unir suas forças em prol de um mundo melhor, com justiça social, paz e preservação da natureza.

Sou brasileiro, não desisto nunca...*Laurentino Gonçalves Dias Jr.*

Nada mais representativo para os brasileiros do que essa assertiva criada pelo governo federal para reforçar a auto-estima da nação... Nada mais aviltante também. Os brasileiros, povo sofrido, carente de atenção, sincero e amoroso, não merecem os desmandos de nossos governantes. Realmente, não desistimos nunca, mesmo frente a tantas falcaturas, tantos políticos corruptos, tanta roubalheira... Enfim, estamos sempre dispostos a acreditar em um messias. Será por sermos persistentes? Ou por falta de opção? Questionemo-nos.

Um importante dirigente político disse que já não pensa mais em 2006... “Vem aí 2007, 2008, 2009, 2010...” É um absurdo! É muito fácil deixar para trás os erros... Sem punição para nenhum dos envolvidos nos diversos escândalos de 2006, os guerreiros brasileiros, de memória curta, esquecerão o que passou... Mas, enquanto isso, fortunas públicas são desviadas para bolsos particulares, milhares morrem sem atendimento médico, outros milhões passam fome... Basta! Não dá mais para aceitar essa situação. Não dá mais para aceitar “sou brasileiro, não desisto nunca” na voz de políticos corruptos. Essa frase só é válida quando assistimos, por exemplo, ao bicampeonato mundial da seleção brasileira masculina de vôlei, resultado de vitórias obtidas em jogos difíceis, tensos, nos quais identificam-se atletas cheios de garra, com gana de vitória, que jamais desistem. Este é o “Brasileiro”. Um grupo como esse do vôlei é que nos impele à ação, a nos indignarmos contra as injustiças de nossos governantes. E é assim que deve ser. No dia em que perdermos a capacidade de nos indignar, estaremos fadados à mediocridade.

Dezembro de 2006. Às vésperas das comemorações do natal de Cristo, e de mais um novo ano, cá estamos a prometer mudanças e esperar por dias melhores. Os marcos são sempre importantes: servem como recomeço ou reforço. Portanto, estabeleçamos novas metas, revisemos as antigas. Importantes a ambição construtiva e a competição saudável, pois são ferramentas que nos proporcionam atingir objetivos mais rapidamente.

Assim, brasileiros piquetenses, estimulados por nossas metas, nossos ídolos – sejam eles esportistas, atores, pais, amigos ou quem quer que seja –, indignemo-nos contra todos os desmandos. Enfrentemos, baseados em justiça, ética, solidariedade e esperança, as dificuldades que 2007 nos trará. Se assim o fizermos, serão ainda mais gratificantes os momentos de alegria, de paz e amor, os quais, certamente, também acompanharão esse novo ano.

Cida Barbosa, Cristina Correa Moraes, Marlene Machado e Ivana Santos.



A Força do Progresso – 3ª Parte

A idéia de República - As lutas e contradições

A idéia de República evoluiu no Brasil desde o século XVIII, quando movimentos revolucionários eclodiam nos Estados Unidos, com a independência (1776), e na França, com a derrubada do regime monárquico centralizado (o chamado Antigo Regime, 1779). A revolução brasileira de 1817, iniciada em Pernambuco, teve uma motivação republicana. Alguns preferem usar a expressão Insurreição pernambucana.

A Conjuração dos Alfaiates (1798), a revolta dos Malês (1835), esta com expressiva participação de negros, a Sabinada (1837), e a Balaiada (1838) são registros de lutas armadas e sufocadas, nos quais vinculava-se um objeto de discussão do poder em ações populares na eclosão de um movimento nacionalista. Alinhavam-se classes populares e propostas de políticas liberais contra o conservadorismo. Não sem valorizar a idéia de progresso. Em 1870 já circulava o **Manifesto Republicano**, cujas ramificações das raízes passavam a ganhar força de oposição à monarquia. Apesar do movimento demonstrar expressão entre as camadas populares, a assimilação e o comando das ações foram mobilizados pelas elites liberais.

As idéias francesas da Revolução de 1789 expressavam força divulgadas por jornais como o “Sentinela da Liberdade”, de Cipriano Barata, e a leitura do **Contrato Social** do filósofo suíço Jean-Jacques Rousseau. Movimentos revolucionários regionais eclodiam como, por exemplo, na Cabanagem do Pará (1833-1834), Farroupilhas do Sul (1836), na Praieira em Pernambuco (1848) e na Revolta do Vintém no Rio de Janeiro (1879-1880). Esses movimentos fixavam-se na oposição à monarquia. O projeto republicano reforçava-se. Nas ruas, o povo em conflito, opunha-se ao governo que sobretaxava o valor dos transportes (Revolta do Vintém), e nas camadas cultas letradas da elite circulavam as idéias positivistas consagradas como evolutivas, baseadas nos princípios científicos e morais em política. Para estes, a hierarquia social devia ser mantida. Mas também os adeptos da idéia republicana se dividiam. Os velhos conservadores ainda apoiavam a monarquia, enquanto as idéias socialistas se manifestavam em outros. O

Manifesto do Partido Comunista (1848) já circulava e agitava os que pretendiam subverter a ordem estabelecida pela tradição hierárquica.

O Abolicionismo na propagação de seu ideário foi invocado como separador de forças entre os conservadores, sob um alegado descontentamento pela Lei Áurea



de 1888. Entretanto, esta não representou, realmente, expressão para a justificativa republicana. A questão estava ligada aos reclamos da classe proprietária (fazendeiros), que exigiam indenização da perda da mão-de-obra escrava desde a Lei do Ventre-Livre (1871). Portanto, vários indicadores em conflito intermediavam-se num campo fértil para que mudanças ocorressem e a ruptura do sistema imperial se completasse. Os partidos do Império, o Conservador e o Liberal, em choque, protagonizavam em seus adeptos as contradições reconhecíveis nos gabinetes do poder.

Enquanto isso, nascia e tomava força o Partido Republicano, não sem conter contradições entre seus adeptos. As oligarquias regionais ligadas à cafeicultura alinhavam-se na expressão de seus interesses. Discutia-se muito a idéia do federalismo, enquanto os principais problemas eram o déficit orçamentário, a dívida pública, a falta de iniciativa industrial e a necessidade do progresso veiculada pela corrente doutrinária do Positivismo. Se de

um lado havia uma elite ilustrada buscando o progresso sob o liberalismo fundamentado nos valores políticos europeus e americanos, debatendo questões doutrinárias, de outro lado, brancos pobres e negros livres entregues às ruas agitavam-se, instabilizando a ordem conservadora.

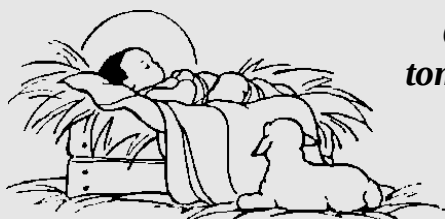
Às Forças Armadas, através de seus ideólogos republicanos, importavam a moralidade e a ordem no conceito nacional, e, por essa razão principal, o chamado Apostolado positivista passou a ter grande penetração entre a facção militar que defendia a idéia denominada jacobina, mais radical na defesa dos ideais republicanos.

O nome de Apostolado positivista remete-se a uma organização agremiativa de militares, cujo ideário baseava-se nos princípios filosóficos defendidos por Augusto Comte (1798-1857) que, por sua vez, tinha Condorcet como fonte.

Para esses pensadores a idéia da regularidade histórica aliava-se ao caráter intelectualista do progresso. Entretanto, admitia uma sociedade hierarquizada. Por outro lado, o progresso era tido como derivado das luzes, ou seja do Iluminismo, que alimentou os pensamentos dos rebeldes da Revolução Francesa de 1789, à busca da ideologia representada na tríade Liberdade, Igualdade e Fraternidade.

No progresso positivo e na indústria, segundo as idéias comteanas, o tempo é dado como referência de ações produtivas realizadas pelos seres humanos baseados no conhecimento científico e na razão. Visa a uma sociedade industrial cujos componentes são produtores, e, para tal, devem ser convocados. Aos militares voltados para a idéia industrial como símbolo de progresso, estavam ligados aqueles que deram fundamentos à instalação da indústria bélica em Piquete. É também o que está narrado iconograficamente nas paredes externas da centenária Usina Hidrelétrica Rodrigues Alves e na concepção arquitetônico-estrutural do prédio. Tema que desenvolverei na próxima parte e que foi por mim apresentado quando se realizou o ato inaugural do Memorial da Fábrica Presidente Vargas, no prédio restaurado da citada Usina, a 15 de setembro do corrente ano.

Dóli de Castro Ferreira



Que no Natal e no próximo ano Piquete e o mundo todo tomem a forma de um grande coração, no qual caberá muito amor, compreensão e fraternidade universal.

Feliz Natal e Feliz Ano Novo!

Fundação Christiano Rosa e “O ESTAFETA”

Bola de capotão

Edival da Silva Castro

Viajar! Como é gostoso... Principalmente quando se toma o trem da saudade e se vai parar nos tempos de criança – lá onde as pessoas tinham amor e nós éramos felizes.

Avenida Gen. Gomes Carneiro – reduto de bons companheiros e fiéis amigos.

Lembro-me de quando, pelo Natal, ganhei uma bola de capotão. Logo de manhã coloquei-a no largo defronte à minha casa, para um racha amistoso. O gol, que dava fundo para o Rio Sertão, era problema sério: qualquer bola que fosse além do goleiro caía n'água. Resolvemos, então, transferir nossas peladas para o campo do Estrela, em dias opostos aos treinos do esporte Clube Estrela, óbvio. Ficávamos no coreto esperando o seu Morais fechar o campo e dirigir-se à estação da Estrela para picotar o cartão de ponto, aí pulávamos o muro e o racha tinha sabor de jogo oficial

Seu Morais morava numa das casas de tábuas. Entre nós, o menino mais novo ficava na arquibancada de cimento, de olho nele. Num eventual aparecimento, todos seriam avisados.

Numa gostosa tarde de verão, o campo encontrava-se nos trinquês para o jogo do domingo: grama aparada, demarcações a cal branca como neve. Faltavam as redes nos gols. Os times “Sem camisas” contra os “Com camisas” embatiam-se ferrenhos, quando, de repente, o garoto vigilante esbravejou:

– Olha lá, pessoal! Descendo os degraus da arquibancada, correndo, gritava:

– O seu Morais vem vindo! O seu Morais vem vindo... O corre-corre foi salve-se quem puder.

Transpor o alambrado, subir a arquibancada de tábuas, correndo, e se atirar do outro lado do muro, cair na horta atrás do hospital, passar pelo lenheiro, casa de tábuas, cantina e, finalmente reunir-se no coreto da avenida, eram façanhas de heróis. De lá, todos, apreensivos e ofegantes, ficávamos vidrados no seu Morais. Era sempre assim: ele abria o portão, adentrava o campo, não demorava aparecia de novo, fechava o portão, empurrava-o para constatar que o mesmo estava trancado, olhava para nós, balançava a cabeça, dava um sorriso de esguelha e tomava o caminho de volta.

Naquela tarde, cheguei mais cedo em casa e fui cuidar da bola: lavei-a com sabão neutro, enxuguei-a e depois ensebei-a para conservar as costuras.

Crônicas Pitorescas

Fome, mas sob controle

Palmyro Masiero

Já tinha ouvido falar na profissão, mas jamais tive qualquer contato com um profissional do ramo. E pelas andanças dos dias, sem esperar a gente acaba dando de topo com um. Foi o que aconteceu. Conheci uma Nutricionista, belíssima morena, que presentemente está fazendo curso de pós-graduação.

Pensando na miséria que assola pelos aís, pareceu-me um contra-senso haver pessoal especializado neste campo em que tanta gente está matando fome a sonho! Evidente minha perspectiva em conhecer mais esmiuçadamente no que consiste e que vantagens tem tal profissão... E, com real interesse de minha parte foi que entabulamos conversa.

Quis saber que espécie de currículo estuda um nutricionista de curso superior, e ela foi falando nomes que nem sei do que se trata (mas não dei bandeira!), como Ciências Morfológicas, Patologia, Nutrição Aplicada e outros como Ciências da Saúde Pública, Higiene da Alimentação, Administração de Serviços de Alimentação e creio que há mais que não lembro.

Considerando mentalmente a situação de arrocho em que se encontra o bloco da classe média pra baixo, fatalmente cai no poço da conclusão de que esses caras (no caso, essa cara recém-conhecida) que se formam nutricionistas não poderão sobreviver apenas com as teorias e, como nós, povo, vão ter que engolir o pão que o diabo amassou e repisou.

Mas ela veio dar-me luz sobre o seu campo de trabalho, geralmente em indústrias, hospitais, prefeituras no setor de Saúde Pública, etc. Trabalham também no campo da pesquisa em laboratórios; ministram cursos às pessoas que trabalham na preparação de alimento para grandes massas, como colégios, pensionatos, prisões, além de formar e aperfeiçoar

pessoal auxiliar no serviço de nutrição.

Perguntei-lhe mais diretamente o que faz uma nutricionista e ela deu-me uma série de aplicações que me derrubou o queixo. Pra resumo: planejam, organizam, assessoram, investigam, ensinam, orientam, executam e avaliam todo tipo de serviço ligado à nutrição e dietética.

A garota, muito interessante (já disse isso, né?), inteligente e lúcida, super-entusiasmada com sua carreira, estava deixando-me um tanto triste. E explico: eu, sinceramente, não conseguia vislumbrar um bom futuro para este tipo de profissional num país em que um dos maiores problemas vem justamente da insuficiência de alimentos ou, noutra hipótese, da falta de recursos para adquiri-los.

Ela saiu-se bem falando dos programas sociais dos governos federal, estadual, municipal, que poderiam absorver o trabalho deles. Calei-me, ora!

Fomos levando o papo do daí para a frente e contou-me que apenas uma vez esteve para deixar o ramo. Foi quando, certa vez, lá em São Paulo, acompanhou uma Assistente Social por uma favela. Em lá chegando, depois de apresentada aos moradores, começou a dar conselhos de como deveriam escolher os alimentos, como combiná-los e prepará-los, que quantidade e qualidade de cada um deveriam ser digeridos. Deu, enfim, uma fórmula em que todas as pessoas da família ficariam bem nutridas. Foi quando uma das faveladas, filho magrelinho nos braços, das que mais prestavam atenção, virou-se para a Assistente Social já conhecida e deu seu ponto de vista:

– Oi, dona doutora, diz pra mocinha aí qui nós num qué nada disso de nutrido, não... A gente só que é quarquê coisa pra enchê o bucho!

Você sabia?

A origem de Papai Noel vem de séculos e séculos. Na verdade, quem começou essa história foi o arcebispo de Mira, São Nicolau Taumaturgo, nascido em 280, em Patara, na atual Turquia, falecido aos 41 anos.

O Papai Noel virou um símbolo proveniente do Pólo Norte. Ele era muito bondoso e generoso. Entre as várias histórias a seu respeito, contava-se que ele sempre oferecia

presentes aos pobres e salvava marinheiros vítimas de tempestades. Por essas e por outras, São Nicolau virou o padroeiro das crianças e dos marinheiros.

A “fama” que ele ganhou por dar presentes às crianças chegou aos Países Baixos pelos marinheiros do país que o conheceram. A partir daí, essa fama só cresceu, atravessando séculos, até chegar aos Estados Unidos, onde ficou conhecido como Santa Claus. A essa altura ele já era muito popular, sendo conhecido como um homem gorducho, bonachão e generoso.



Símbolos de Natal

Presépios



Um dos símbolos mais comuns no Natal dos países católicos é a reprodução do cenário onde Cristo nasceu: uma manjedoura, animais, pastores, os três reis magos, Maria, José e o Menino Jesus.

O costume de montar presépios surgiu com São Francisco de Assis, que pediu a um homem chamado Giovanni Villita que criasse o primeiro. Celebrou-se uma missa em frente a esse presepio, inspirando devoção em todos que dela participaram.

Árvore de Natal

No mundo, milhões de famílias celebram o Natal ao redor de uma árvore. A árvore, símbolo da vida, é uma tradição mais antiga do que o próprio Cristianismo, e não é exclusiva de uma só religião.

Muito antes de existir o Natal, os egípcios traziam galhos verdes de palmeiras para dentro de suas casas no dia mais curto do ano, em dezembro, como um símbolo de triunfo da vida sobre a morte.

Já o costume de ornamentar a árvore pode ter surgido do hábito que os druidas tinham de decorar velhos carvalhos com maçãs douradas, para as festividades deste mesmo dia do ano. A primeira referência a uma “Árvore de Natal” é do século XVI. Na Alemanha, famílias ricas e pobres decoravam árvores com papel colorido, frutas e doces. Esta tradição se espalhou pela Europa e chegou aos Estados Unidos, pelos colonizadores alemães. Logo, a árvore de Natal passou a ser popular em todo o mundo.

Canções Natalinas

A Igreja Católica sempre deu muita importância para o valor da música. As primeiras canções natalinas datam do século IV e são cantadas até hoje na véspera de Natal.

Comidas Típicas

O Natal significa comida na maior parte do mundo cristão. O simbolismo que o alimento tem na mesa no dia de Natal vem das sociedades antigas, que passavam muita fome e encontravam em algum tipo de carne – o mais importante prato – uma forma de se referenciar a Deus e a Jesus (ligada às palavras de Jesus: “Este é meu corpo”). Geralmente era servido porco, ganso – mais tarde substituído por peru e peixe. Uma série de bolos e massas são preparados somente para o Natal e são conhecidos por todo mundo.

Presentes

Existem muitas origens para este símbolo. Uma delas conta que São Nicolau, um anônimo benfeitor, presenteava as pessoas no período natalino. Outra tradição mais antiga lembra os três reis magos que presentearam Jesus. O dia e o motivo de dar e receber presentes variam de país para país.

Cartões de Natal

A prática de enviar cartões de Natal surgiu na Inglaterra, no ano de 1843. Em 1849, os primeiros cartões populares de Natal começaram a ser vendidos por um artista inglês chamado William Egly.

Fundação Christiano Rosa

Oficina de Elaboração de Projetos:

No dia 20 de novembro passado, a Fundação Christiano Rosa, em parceria com o Comitê de Bacias Hidrográficas do Paraíba do Sul - CBH-PS e a Prefeitura Municipal de Guaratinguetá, realizou em Guaratinguetá, nas dependências da Faculdade de Engenharia - FEG, uma oficina de elaboração de projetos, exclusivamente para profissionais da educação (professores e coordenadores pedagógicos). A solicitação à Fundação para a realização da oficina foi feita pelos professores que participaram do Seminário Águas da Primavera, em setembro, na USP. A coordenação e execução dos trabalhos foram feitas por Ana Maria de Gouvêa, com a colaboração do Dr. Paulo Valladares Soares. Em janeiro, os participantes deverão se encontrar para continuidade dos trabalhos.

Encontros Temáticos da Mantiqueira

No primeiro dia de dezembro, no Hotel Satélite, em Campos do Jordão, com a presença de 87 pessoas dos três municípios que integram o Comitê de Bacias Hidrográficas da Serra da Mantiqueira - CBH- SM, foi iniciado o projeto denominado “Encontros Temáticos da Mantiqueira”, com o tema “Cobrança pelo uso da água e outorga”, de uma série de cinco encontros priorizados pelo relatório de situação do CBH - SM.

Trata-se de mais uma realização da Fundação Christiano Rosa financiada pelo FEHIDRO- Fundo Estadual de Recursos Hídricos. Esse encontro, considerado histórico, contou com a presença e participação de três Comitês, com seus respectivos Secretários Executivos: Paraíba do Sul, Serra da Mantiqueira e o PCJ, e atualmente, com as maiores autoridades no tema; Edilson de Paula Andrade, Luiz Moretti e engenheiro Eliseu do DAAE de São Paulo. O próximo encontro deverá acontecer em fevereiro de 2007

Fundação é novo membro do CEIVAP

A Fundação Christiano Rosa de Piquete foi eleita, pelo fórum das Ongs do trecho paulista do Paraíba do Sul, como membro titular do Comitê de Integração das Bacias Hidrográficas do Paraíba do Sul - CEIVAP, tendo como suplente a Vale Verde de São José dos Campos. A posse aconteceu dia 11, em reunião plenária do CEIVAP. A Fundação será representada pela Arquiteta Ana Maria de Gouvêa (Teca) e a Vale Verde, pela Administradora de Empresa Sueleidy Prado.

Recuperação florestal: um olhar social

Aconteceu nos dias 6 e 7 de dezembro, em São Paulo, o Workshop “Recuperação florestal: um olhar social”, promovido pela Fundação Florestal, Secretaria de Meio Ambiente do Estado de São Paulo, tendo como foco principal o processo participativo nas ações de recuperação florestal. Dois trabalhos da Fundação Christiano Rosa foram selecionados para apresentação.

Feira Ambiental do Atlântico Sudeste

A convite da Fundação Christiano Rosa, o Jongo de Piquete, liderado pelo Prof. Gil, apresentou-se na cerimônia de abertura da Feira Ambiental da região Atlântico Sudeste, ocorrida dia 4 de dezembro, em Jacareí. Essa Feira está ocorrendo em mais 15 regiões do país, ocasião em que o Ministério do Meio Ambiente está lançando os Cadernos Regionais de Recursos Hídricos. O ponto alto da feira foi o Jongo e a dança do Secretário Nacional de Recursos Hídricos, João Bosco Serra, que ficou maravilhado e participou da festa com entusiasmo. Parabéns aos jongueiros de Piquete.

A Fundação Christiano Rosa, a convite dos organizadores, ganhou um stand para divulgação de seus trabalhos.

Por que Consciência Negra?

Feriado local a 20 de novembro em várias cidades, inclusive São Paulo e Rio de Janeiro, a data comemora Zumbi dos Palmares e rememora o movimento de resistência dos negros quilombolas.

A propósito, nos periódicos, a questão do negro foi levantada e debatida sob o ponto de vista da discriminação, inclusive com a notícia da denúncia de uma empregada doméstica, Simone André Diniz, que provocou uma condenação do Brasil pela Comissão Interamericana dos Direitos Humanos da OEA (Organização dos Estados Americanos), por não punir caso de racismo (Folha 18/11/2006). A reclamante alegou ter sido rejeitada para um emprego por ser negra, dado que o anúncio do mesmo se acompanhava do requisito “preferência branca”.

O movimento Consciência Negra foi proposto para não se deixar cair no esquecimento a questão da escravidão e seus efeitos. O que hoje se discute, principalmente, é o racismo e a discriminação disfarçados sob a capa da “democracia racial” e as propostas das chamadas políticas públicas. Tempo houve em que a meta era o branqueamento e o estímulo aos cruzamentos, para, progressivamente, nas gerações, branquear a população em nome de um processo civilizatório, pois o branco era o representante da raça considerada hierarquicamente superior.

O darwinismo social e as tradicionais teorias genéticas tinham como objetivo fundamental o processo do branqueamento e não faltava aos negros o desejo de serem reconhecidos como brancos, a partir da expressão “não-brancos”, para clarearem aos poucos, através da mestiçagem. A miscigenação estimulada como etapa desejável era vista como processo necessário, um fim a ser alcançado.

Por exemplo, Sérgio Buarque de Holanda em “**Cobra de Vidro**”, coletânea de textos

críticos, (Editora Perspectiva, 1978, para a 2ª edição), escreve (p. 13) que, “no Brasil, o preconceito de raça é menos berrante, e, se quiserem, mais disfarçado e mais cortês. Silenciamos cuidadosamente sobre o problema, ou abordamo-lo em muitos casos com cautela, temendo ferir

danças e da música, ou também das capoeiras, o jongo é manifestado e recebe atenção. Membros das comunidades quilombolas acreditam que o jongo leva ao encontro dos antepassados e valoriza sua memória. Procuram demonstrar que os estereótipos criados pela política do branqueamento e das proibições legais, além dos preconceitos religiosos católicos que os admitiam como manifestações de feitiçarias devem ser deixados para trás.

A “Folha de São Paulo” (14/11/2006) comentou o 11º Encontro de Jongueiros realizado em São José da Serra, em Conservatória, distrito de Valença, no sul fluminense, a 143 Km do Rio.

Ressaltou a importância do jongo como uma dança do patrimônio imaterial brasileiro a ser valorizada e passada através de gerações não somente como símbolo cultural, mas também educativo. Segundo um depoimento, a “Folha” registrou que através do jongo, uma “espécie de umbigada”, mas sem contato físico dos pares, representa uma forma de se encontrar os antepassados e invocar os santos e os orixás. Destacou, principalmente, a importância dessas danças nas fazendas de café do Vale do Paraíba nos setores mineiro, fluminense e paulista, cuja mão-de-obra era, basicamente, a do trabalho escravo. Entre os grupos presentes, deu ênfase aos de Guaratinguetá e de Piquete. Pois bem. Transcorrido mais um ano no qual iniciamos as comemorações dos centenários de alguns de nossos mais destacados monumentos públicos históricos, não nos esqueçamos de nossos monumentos de patrimônio imaterial de cantos e danças que vão sendo substituídos pelas novas influências eletrônicas. Principalmente em nossa sociedade de elevado contingente de população negra, presença testemunhal do trabalho escravo. **Dóli de Castro Ferreira**

Apresentação do Jongo de Piquete



susceptibilidades. E, em vez de admitir que o caldeamento de raças realizado em uma escala sem exemplo pode significar enriquecimento das potencialidades, manancial de onde nascerá, talvez, uma nova cultura, procuramos enganar-nos com a opinião fácil de que o tempo apagará bem cedo, e sem deixar vestígios, toda a influência africana na formação nacional”. Ele conclui por afirmar que “é difícil convencer que não existe pessimismo ou ceticismo em não aceitar essa opinião, em renunciar a fabricar para uso externo e interno um Brasil mais europeu, menos africano”.

Hoje, o movimento de resistência se impôs com várias linhas, a de auto-affirmação dos afrodescendentes, a retomada da História dos quilombolas – esquecidos por uma política que os perseguiu em nome do progresso –, e a do multiculturalismo, com suas várias linhas interpretativas.

Nos quilombos revividos com arte, o foco voltado para o patrimônio imaterial das

Instituto de Estudos Valeparaibanos (IEV) visita Piquete

No dia 18 de novembro, a Fundação Christiano Rosa (FCR) recebeu o Instituto de Estudos Valeparaibanos (IEV) para uma visita a Piquete, especialmente à Fazenda Santa Lydia, à Estação Ferroviária Rodrigues Alves e ao recém-inaugurado Memorial da Usina Hidrelétrica Rodrigues Alves.

Antônio Carlos M. Chaves durante apresentação no Espaço Cultural “Célia Ap. Rosa”



O grupo chegou à cidade e foi recepcionado no Espaço Cultural “Célia Ap. Rosa”, onde pôde assistir a uma apresentação do diretor executivo da FCR, Dr. Antônio Carlos M. Chaves, sobre o trabalho de restauração do prédio da usina hidrelétrica realizado pela IMBEL/FPV, em parceria com a FCR.

Em seguida, foram até à Estação Rodrigues Alves, onde puderam conhecer o resultado das obras de recuperação daquele prédio tombado em 2002.

Por volta das 11h, seguiram para a Fazenda Santa Lydia, antiga fazenda produtora de café, formada na segunda metade do século 19, atualmente transformada em pousada. Durante a visita, foi-lhes distribuído um opúsculo, do qual constava um resumo da história daquela construção, de grande representatividade para Piquete. Após o almoço na Santa Lydia, dirigiram-se ao Memorial da Usina

Hidrelétrica Rodrigues Alves. Recebidos por **Saulo Caetano e Wanderley Sardinha**, impressionaram-se com a qualidade do trabalho e a riqueza dos detalhes com que foi contada a história da Fábrica e daquele prédio e com os comentários da profa. Dóli de Castro Ferreira.

À direita, Prof. Nelson Pesciotta, presidente do IEV, no Memorial da Usina Rodrigues Alves



Para merecer o Natal!

Outra vez, diante do mundo, a cena que a todos comove: o presépio, a virgem e o menino.

Para os incréus, traduz o mito da virgem deípara, que serve de eixo a algumas culturas.

Para os cristãos revela a humilde Virgem de Nazaré, que trouxe ao mundo o filho do Deus Único, Jesus, o Salvador.

Acompanhando a história do menino, que chegou aos 33 anos entre nós, nos vamos inteirando de um modo de ver as coisas e as pessoas que parece muito distante do mundo que está a nossa volta.

Aquele menino pregou a fraternidade, a simplicidade, a generosidade, o amor. Revelou as imperfeições de seus discípulos, mas não os condenou. Confirmou sua condição de Filho de Deus, mas conviveu com pescadores e pecadores.

Vivemos cercados de pessoas que querem parecer melhores que as outras. Se quisessem ser melhores, se buscassem a perfeição, como tudo seria diferente. Se, além de melhorarem, ainda amparassem o irmão, como ensinou Jesus, se o ajudassem a crescer como criatura de Deus, a maioria das desgraças que desfiguram a face do mundo não criaria raízes.

Incréus ou cristãos, que tal buscarmos a justiça do Menino só nestes poucos dias que precedem o Natal?

No afã de proteger a Mata Atlântica, que consideramos Patrimônio Nacional, que foi que fizemos com os caiçaras paulistas?

Caiçaras. Em São Paulo, ao português, quase sempre açoriano, e ao índio associou-se o negro dos engenhos – nos termos de Darcy Ribeiro, numa “homogeneização cultural processada pela pobreza”,

unificados “pelo denominador comum da penúria, pela comunidade de hábitos e costumes reduzidos a sua expressão mais singela”.

Todo o litoral brasileiro está sendo prejudicado pela ocupação desordenada que destrói a vegetação, desobedece às leis da construção civil, polui o mar, desconhece o valor das dunas e do mangue e chega ao exagero de impedir o acesso do povo à praia – que é do povo.

Em São Paulo, o caiçara, que não destruiu a mata, que só quis para si uma casinha, um rancho, uma canoa e uma rocinha de cabo de enxada, de repente, aparece como responsável por toda a destruição.

Para comemorarmos dignamente este Natal, vamos perguntar aos nossos deputados como anda a lei estadual que restitui a dignidade aos caiçaras paulistas.

Somos paulistas. Mas também somos brasileiros.

Não seremos dignos de um Feliz Natal se não nos preocuparmos com a tranquilidade das crianças palestinas que vivem na Tríplice Fronteira: Brasil, Paraguai e Argentina.

Chegam até nós insinuações da possibilidade de terroristas estarem abrigados naquela região. E, atrás das insinuações, vêm as práticas antiterroristas.

Vamos verificar se providências estão sendo tomadas para que, pelo menos em território brasileiro, as crianças que não podem estar na terra do seu povo – que é a terra do Menino Jesus – sintam com suas famílias uma benfeitoria atmosfera de pátria.

Feliz Natal para todos!

Abigayl Lea da Silva

Soneto de Natal

Um homem – era aquela noite amiga,
Noite cristã, berço do Nazareno –,
Ao relembrar os dias de pequeno,
E a viva dança, e a lépida cantiga,

Quis transportar ao verso doce e ameno
As sensações da sua idade antiga,
Naquela mesma velha noite amiga,
Noite cristã, berço do Nazareno.

Escolheu o soneto... A folha branca
Pede-lhe a inspiração; mas, frouxa e manca,
A pena não acode ao gesto seu.

E, em vão lutando contra o metro adverso,
Só lhe saiu este pequeno verso:
“Mudou o Natal ou mudei eu?”

Machado de Assis (1839 - 1908)



“Glória a Deus nas alturas e paz na Terra para os homens”

(Lucas, 2,14)

A alegria que vai se apoderar de todo o povo é cantada antes, pelo Coro Angélico, aos pobres pastores de Belém, primeiros destinatários da boa notícia de que Jesus nascera.

O canto dos anjos tem implicação direta na vida dos homens. Deus é glorificado nas alturas, desde que o nascimento de Jesus traga paz aos homens na Terra.

Para os contemporâneos e conterrâneos de Jesus, o conceito de Shalom, que nós, ocidentais, traduzimos por paz, era muito mais abrangente que o nosso. Shalom não é apenas antônimo de guerra e violência, é a satisfação das necessidades da vida. É sentimento de completude, experiência de saciedade e prazer. Nesta concepção, vivencia-se a paz, por exemplo, quando se deixa a mesa após uma refeição, quando se bebe um copo de água fresca, pondo-se fim à sede. Paz é sentimento de satisfação, é experiência de que não há nada em falta.

Quando os anjos anunciaram “Paz na Terra para os homens”, certamente os pastores compreenderam que um tempo novo se iniciava na história humana. Se existe paz, não existe exclusão e não há privação de direitos essenciais à vida como água, alimento, moradia, trabalho, terra e tantos outros.

Acolher o canto dos anjos é acreditar num mundo mais justo, onde o acúmulo de bens e poder dá lugar à partilha e à igualdade, a exploração do trabalho é substituída pela justiça, o conhecimento é democratizado e todos podem pensar e se expressar livremente. Se o mundo não for assim, a vida não se torna uma experiência satisfatória e a paz não pode acontecer entre os homens.

O Shalom se faz presente em nossas vidas quando aprendemos com Jesus que Deus é Pai Nosso e, por isso, somos irmãos e o pão de cada dia também deve ser nosso. Quando o Pai e o pão são partilhados, vem a nós o reino de Deus, que é reino de Shalom, de paz entre os homens. Reino feito de gente saciada de pão, de paz e de irmãos contentes com a vida que levam.

Então, por haver paz entre os homens na terra, Deus é glorificado nos céus.

Pe. Fabrício de Senne Beckmann



**Acesse, leia e divulgue o informativo
“O ESTAFETA”:**

www.fundacaochristianorosa.cjb.net